



Porta-voz da chancelaria de Pequim reafirma amizade com Moscou e propõe a adoção de novo exemplo de diplomacia baseado na não-aliança. Chineses veem a invasão à Ucrânia como um conflito entre os russos e a Otan, liderada pelos EUA

# Relação com Rússia é modelo, diz China

» RODRIGO CRAVEIRO

Na contramão da diplomacia ocidental, enquanto os Estados Unidos e a União Europeia têm condenado e punido Moscou pela invasão à Ucrânia, a China não somente reforça a retórica de apoio à Rússia, como propõe uma reformulação da ordem internacional. O porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Zhao Lijian, considerou o conflito no Leste da Europa como uma guerra entre a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), liderada pelos EUA, e a Rússia, além de exaltar o elo entre Pequim e Moscou. O pronunciamento de Zhao foi dado um dia depois de mísseis russos atingirem Kiev, matando uma jornalista, durante a visita do secretário-geral da ONU, António Guterres.

“Uma importante lição do sucesso das relações entre China e Rússia é que os dois lados se mostram superiores ao modelo da aliança política e militar da era da Guerra Fria, e se comprometem a desenvolver um novo modelo de relações internacionais baseado na não-aliança, na não-confrontação e em não visar terceiros países. Isso é fundamentalmente diferente da mentalidade da Guerra Fria”, declarou Zhao.

Cientista político e professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Maurício Santoro lembrou ao **Correio** que, dias antes do início da invasão à Ucrânia, Xi e Putin se reuniram. “Na ocasião, ambos disseram que

Alexei Druzhinin/Sputnik/AFP



Vladimir Putin e Xi Jinping, durante reunião em Pequim, em 4 de fevereiro: em defesa do fim da hegemonia dos EUA

a relação entre os dois países era uma amizade sem limites. Há uma tentativa de se construir uma aliança diferente da Otan. Essa relação entre Pequim e Moscou não é um acordo militar baseado na autodefesa, mas uma série de parcerias econômicas e políticas”, avaliou.

Segundo ele, a relação sino-russa se torna mais profunda, dada a dimensão continental das duas nações e seu peso nas relações internacionais. “Ainda que não endossassem totalmente a guerra, os chineses seguem apoiando, política e diplomaticamente, os russos e tentando reduzir os impactos das sanções”, explicou Santoro.

O especialista acrescenta que o centro da relação da China com

a Rússia é uma tentativa de formar uma coalizão política com visões sobre a ordem global muito mais crítica do que a do Ocidente. “A parceria é, substancialmente, um acordo político, propondo uma visão de mundo alternativa à preconizada pelo Ocidente. Essa coalizão tem um desdobramento mais suave com os Brics (grupo formado por Brasil, Rússia, Índia e África do Sul) e mais pesado, sobretudo no Oriente Médio. A parceria entre Pequim e Moscou tem proximidade com países como Síria e Irã, que mantêm uma relação bastante conturbada com os europeus e os norte-americanos”, concluiu Santoro.

## Morte

A jornalista Vira Hyrych, 55 anos, produtora da Rádio Free Europe/Radio Liberty, estava feliz com a compra do apartamento no prédio de 25 andares situado em Shevchenkivskyi, distrito central de Kiev. Na quinta-feira, enquanto Guterres, visitava o presidente Volodymyr Zelensky, cinco mísseis foram disparados pela Rússia. Um deles atingiu em cheio o apartamento de Vira, matando-a na hora. Ontem, a Rússia confirmou que atacou Kiev com armas de “alta precisão de longo alcance” contra as instalações da empresa espacial e de fabricação de mísseis Artyom. O Kremlin não admitiu ter

Facebook/Reprodução



Vira Hyrych, jornalista morta em bombardeio à capital ucraniana, na noite de quinta-feira

atingido um edifício residencial. Guterres classificou o bombardeio como “maldoso”.

O jornalista e ativista Maksym Butkeyych, 44 anos, contou ao **Correio** que conheceu Vira há 20 anos. “Eu trabalhava para a tevê ucraniana. Ela era produtora e me ajudava na organização, na produção de textos, em assuntos logísticos e no levantamento de informações. Atuamos, juntos, nas emissoras STB e 1+1. No âmbito pessoal, era muito legal, sempre calma e interessada no escopo mais amplo do conhecimento. Tinha a habilidade de ser sempre correta e educada.” Em 24 de fevereiro, ele se alistou às forças armadas. “Hoje, sou tenente. Ajudei a liberar vilarejos”, disse.

Maksym soube que os pais de Vira enfrentaram um mês de ocupação russa, perto de Kiev. “Ela temia pela segurança deles. Ninguém poderia prever que Vira se tornaria vítima dos assassinos russos.”

## Depoimento

### “O ataque a Kiev não vai nos atrapalhar”

Saviano Abreu

“Foi chocante estar em Kiev e ocorrer um ataque tão perto da gente. Não foi surpresa. Estamos em um país em guerra. O secretário-geral (António Guterres) repetiu que a guerra é uma violação à Carta da ONU. Durante todo o momento do ataque, ele estava em reuniões com o governo ucraniano. Nós, da ONU, temos falado que até guerras têm normas. Nenhuma infraestrutura civil pode ser atacada. Um ataque que destrói um prédio, uma escola ou um hospital vai contra o direito internacional e é um crime de guerra. O bombardeio de quinta-feira não atrapalhou em nenhum momento, nem vai atrapalhar, a missão que trouxe o secretário-geral à Ucrânia: prestar assistência humanitária a quem precisa disso da maneira mais urgente possível.”

**Porta-voz do Escritório Humanitário da ONU (Ocha), brasileiro, 38 anos. Estava em Kiev, na quinta-feira, acompanhando o secretário geral, António Guterres. Depoimento ao Correio**

## Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

# Brics no caminho da Casa Branca

À margem do noticiário extenso — e quase monocórdio — sobre a guerra na Ucrânia, um movimento articulado no âmbito do Brics aponta para a abertura de mais um foco de atrito entre o bloco dos emergentes e a frente político-militar entre EUA, Europa e outros aliados. Reunido por videoconferência, sob presidência chinesa, o grupo de trabalho do Brics para combate ao terrorismo desenvolveu a estratégia definida na última cúpula do grupo, na Índia.

No próximo encontro, em setembro, na China, os líderes de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul deverão avançar na consolidação de uma política coordenada de intervenção nos organismos multilaterais. O objetivo central dos cinco é se contrapor, no cenário global, ao unilateralismo da Casa Branca — por vezes implantado sob o guarda-chuva da Otan. Abrandada, ao menos no plano do discurso, durante a presidência de Barack Obama, a política do “nós

é nós” voltou com Donald Trump, sob o lema America First. Agora, com Joe Biden, assume a feição do jogo de blocos, via Otan.

Mas, como no poema, há pedras no caminho.

## Todos por um

Do lado oposto, Rússia e China vêm de selar uma aliança estratégica de longo alcance, definida como “sem limites”. De saída, ela resultou na cobertura diplomática dada por Pequim a Moscou na crise da Ucrânia. E tem réplica nas tensões entre China e EUA em torno de Taiwan.

A Índia pratica o equilíbrio pragmático, mas deixa claro que tem com o Kremlin laços de longa data, que remontam à era soviética e à Guerra Fria.

## Namoro ou amizade?

Foi com esse cenário como pano de fundo que Brasília recebeu nesta semana uma delegação de

alto escalão enviada por Washington, chefiada pela subsecretária de Estado para Assuntos Políticos, Victoria Nuland. A “número dois” da diplomacia americana aproveitou a ocasião de um evento, o Diálogo de Alto Nível Brasil-EUA, para trazer mensagens da Casa Branca e do Departamento de Estado.

Depois de esnobar Bolsonaro durante o primeiro ano de mandato, como troco pelo apoio do presidente brasileiro à campanha derrotada de Trump pela reeleição, Biden sinaliza agora com o interesse em resgatar os laços bilaterais. Em especial, as conversações se orientam para o campo da defesa: em seu governo, o primeiro concedeu ao Brasil o status de “aliado preferencial extra-Otan”. Estão nessa categoria, entre outros, Israel e a Coreia do Sul.

A visita da delegação, pilotada de Washington pelo secretário Antony Blinken, terá um desdobramento mais diretamente vinculado ao esforço para engajar o Brasil nas sanções econômicas contra

Moscou. A subsecretária anunciou para breve o envio de uma delegação que estudará a cooperação para produção de fertilizantes no Brasil, que hoje importa da Rússia 80% do insumo, necessidade básica do agronegócio.

## Dura lex

Nos bastidores da diplomacia americana para a América do Sul, causou certo desagrado a decisão do Comitê de Direitos Humanos da ONU de reconhecer como parcial a atuação do ex-juiz Sergio Moro nos processos contra o ex-presidente Lula. Quando comandou a Operação Lava-Jato e depois, como ministro da Justiça no início do governo Bolsonaro, Moro teve presença assídua nos EUA. Manteve reuniões e contatos no FBI (polícia federal) e nos Departamentos de Justiça e de Segurança Doméstica.

Quando se lançou candidato à presidência, o ex-juiz e ex-ministro foi visto por setores políticos em

Washington como opção entre Lula e Bolsonaro. Com a desistência, e a aparente cristalização do cenário na corrida pelo Planalto, a divisão de Assuntos Hemisféricos (Américas) do Departamento de Estado atualiza os cálculos e esboça planos para a condução das relações bilaterais na segunda metade do mandato de Biden.

## Túnel do tempo

Outra eleição presidencial em um aliado estratégico para a Casa Branca na América do Sul entra na reta final de campanha sob o impacto de um fator inédito no tabuleiro político e a companhia incômoda de um fantasma antigo. A Colômbia vai às urnas dentro de quatro semanas. Uma pesquisa divulgada ontem confirmou a liderança de Gustavo Petro, com 43,6% das intenções de voto. Pela primeira vez na acidentada história do país, um candidato de esquerda chega às urnas com chances reais de vitória. O mais provável adversário no segundo turno, em junho, é o direitista Federico Gutiérrez, que aparece com 26,7%.

Petro encarna a longa marcha de seu campo político para se inserir plenamente no processo institucional e na sociedade civil. Há três décadas, foi um dos artífices da desmobilização do grupo guerrilheiro M-19. Trocou as armas por mandatos de deputado, prefeito de Bogotá, a capital federal, e senador. Não por acaso, construiu uma candidatura viável seis anos depois do acordo de paz entre o Estado e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), principal sigla das cinco décadas de guerrilha de esquerda.

A disputa pela Casa de Nariño entra na hora da verdade sob o espectro da violência política que faz presença endêmica na vida do país. Dias atrás, a Defensoria do Povo apresentou um relatório que registra o assassinato de 52 ativistas políticos e sociais nos primeiros três meses do ano. Militantes de movimentos ambientais, agrários e indígenas são alvo recorrente dos grupos armados ilegais; esquadrões paramilitares, narcotraficantes e outras organizações criminosas e mesmo dissidentes das Farc que se recusaram a depor as armas.